

O LIXO ATRAPALHA, MAS NÃO É O VILÃO DAS ENCHENTES

ÁLVARO RODRIGUES DOS SANTOS*

O lixo urbano irregularmente lançado ou disposto tem sido apontado por um sem-número de vezes como o responsável maior pelas enchentes. Essa tese tem sido insistentemente sustentada por autoridades públicas, com a crítica aceitação por boa parte da mídia e, pasmem, pela própria população de nossas cidades.

No entanto, como veremos, é uma tese perigosa e equivocada que, ao espertamente atribuir à população – por consequência de uma sua eventual falta de educação – a culpa pelas enchentes, desvia o foco das atenções, subtrai a importância das verdadeiras maiores causas e alivia a responsabilidade dos seguidos governos que não as atacam devidamente.

As enchentes urbanas são explicadas pelo incrível aumento do volume de águas de chuva que aflui, em tempos sucessivamente menores, para um sistema de drenagem (córregos, rios, bueiros, galerias, canais etc.) progressivamente incapaz de lhe dar a devida vazão.

Esse aumento do volume de água e a redução do tempo em que chega às drenagens são promovidos essencialmente pela impermeabilização do solo urbano e pela cultura de canalização e retificação de drenagens naturais.

Como um enorme agravante a esse quadro, considere-se ainda o fantástico grau de assoreamento dessas drenagens por sedimentos provenientes dos intensos processos erosivos que ocorrem particularmente nas faixas periféricas de expansão da cidade. Esse assoreamento acaba por reduzir ainda mais a já comprometida capacidade de vazão de toda a rede de drenagem.

Ou se ataca essa questão, através de medidas que recuperem ao máximo a capacidade da cidade em reter as águas de chuva, seja por infiltração, seja por acumulação (pequenos reservatórios domésticos e empresariais, calçadas, valetas e pátios drenantes, bosques florestados e arborização intensa etc.), e combatam a erosão em sua origem, ou nunca nos livraremos do flagelo das enchentes. As bilionárias obras de alargamento e aprofundamento das calhas de nossos rios principais são necessárias, mas a realidade mostra que são insuficientes e já se aproximam de seu limite de benefícios.

O lixo? Claro que o lixo é um fator complicador e seu lançamento irregular deve ser combatido de todas as formas. Mas seus efeitos principais se restringem a um tipo de enchente muito localizado – junto às proximidades de um bueiro obstruído ou em uma situação que exija o funcionamento de bombas de sucção, por exemplo. Vejam que nas cenas televisadas de enchentes é muito mais comum ver-se água jorrando dos bueiros e bocas de lobo do que sendo impedida de entrar. Essas águas que jorram são o retorno das águas para as quais as galerias e córregos não conseguem dar a devida vazão.

Por outro lado, é importante considerar que, do volume total do material de assoreamento das drenagens, 90% é constituído por sedimentos provenientes dos processos erosivos nas frentes de expansão das cidades, e apenas 10% são constituídos por lixo urbano e entulho de construção civil.

Note-se ainda que muito provavelmente apenas uma pequena parte do lixo disperso nas drenagens da cidade seria

proveniente do ato deseducado de se lançá-lo irregularmente – há problemas ainda bem sérios de deficiências de recolhimento do lixo doméstico, especialmente em áreas habitacionais irregulares de baixa renda.

Enfim, o sucesso de um programa de combate às enchentes exige, antes de tudo, a compreensão exata de toda a dinâmica causal do fenômeno, assim como a corajosa decisão das autoridades públicas e privadas em assumir suas intrínsecas responsabilidades. O que não condiz com a comodidade de se jogar nas costas da população a culpa pelos problemas. **F**

* *Álvaro Rodrigues dos Santos é geólogo, consultor em geologia de engenharia, geotecnia e meio ambiente; foi diretor do IPT; criador da técnica Cal-Jet de proteção de solos contra a erosão; é o autor dos livros Geologia de Engenharia: Conceitos, Método e Prática; A Grande Barreira da Serra do Mar; Cubatão; e Diálogos Geológicos*
E-mail: santosalvaro@uol.com.br



FOTO: ANDRÉ SIQUEIRA

COMO PODEMOS MELHORAR A VIDA NAS GRANDES CIDADES?

TERRY BENNETT*

O uso da tecnologia e a colaboração social no planejamento urbano pode ser uma solução eficaz

pela primeira vez na história da humanidade, de acordo com o relatório das Nações Unidas sobre deslocamento demográfico, mais de 50% da população mundial vive nas metrópoles. Historicamente, esse êxodo é compreensível, já que as pessoas migram em busca de melhores oportunidades, empregos, educação, e qualidade de vida. Em termos sociais, no entanto, há um grande ônus acarretado por esse processo.

Para aqueles que vivem em cidades de países em desenvolvimento o problema fica mais evidente. Sua população é mais vulnerável a riscos de saúde, segurança e questões ambientais. Já em países industrializados, a migração em massa da população urbana para os subúrbios, leva a outro fenômeno: o declínio da região central de várias cidades.

A criação de uma nova infraestrutura para os desafios dessas cidades e assim reverter e revitalizar esses centros urbanos implicaria em investimentos globais de 53 trilhões de dólares nos próximos 35 anos, como relatado pela Organization for Economic Cooperation and Development (OECD). Embora pareça ser muito dinheiro, este montante só seria suficiente para cobrir despesas para melhorias de infraestrutura básica, como rodoviárias, ferroviárias, telecomunicações, eletricidade e água.